

REFLEXÕES SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E FORMAÇÃO DOCENTE EM GEOGRAFIA E PEDAGOGIA

Maria do Socorro Sousa e Silva¹
Adeliane Vieira de Oliveira²
Jaqueline Gomes de Negreiros³

RESUMO

O presente trabalho busca refletir sobre o Estágio Supervisionado e o processo de formação docente em Geografia e Pedagogia a partir da experiência das autoras no que diz respeito ao trabalho com estágio enquanto professoras do ensino superior. Metodologicamente o trabalho encontra-se apoiado na pesquisa qualitativa como principal vertente adotada, como campo de investigação empírica a sala de aula da Licenciatura Geografia na Universidade Regional do Cariri – URCA (Crato, CE) e do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA (Sobral, CE). Desse modo, consideramos que a articulação da teoria e prática é um movimento dinâmico de formação no processo de estágio que ressignifica e redimensionamento o licenciando como agente fundamental de percepções e reflexões na ação de formar-se/descobrir-se professor.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado. Formação Docente. Geografia. Pedagogia.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca refletir sobre o Estágio Supervisionado e o processo de formação docente em Geografia e Pedagogia a partir da experiência das autoras no que diz respeito ao trabalho com estágio enquanto professoras do ensino superior. A intenção aqui é

¹ Mestre em Geografia, pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, msserasmo@gmail.com

² Doutoranda em Geografia, pela Universidade Federal do Ceará – UFC, adelianeoliveira19@gmail.com

³ Especialista em Educação Contextualizada para Convivência Sustentável e Solidária com o Semiárido Brasileiro, pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, jaque.negreiros@hotmail.com

demonstrar as percepções sobre as práticas de estágio e a relevância dessa atividade para a formação do licenciando em Geografia e em Pedagogia.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases - LDB nº 9394/96, o Estágio Supervisionado é uma exigência da Educação Nacional. Dessa forma, o Curso de Geografia da Universidade Regional do Cariri – URCA, possui em sua grade curricular a disciplina Estágio Supervisionado I. É uma forma de garantir e reforçar a experiência da prática docente em Geografia, bem como entender o contexto escolar em que os futuros docentes serão inseridos.

Para ensinar Geografia é necessário fazer uma breve reflexão sobre o contexto social em que estamos inseridos. Já que a escola recebe alunos de diversas classes sociais, desde as mais desfavorecidas às mais requintadas. No caso do educador, professor de Geografia cabe refletir sobre algumas questões:

O que é ensinar? O que é aprender? Por que ensinar geografia? O que ensinamos, quando ensinamos geografia? Que habilidades devem ser adquiridas pelos nossos alunos? Que conteúdo e que linguagens, quando aprendidos pelos alunos nos permite dizer que atingimos nossos objetivos como educadores? Afinal de contas para que serve aprender Geografia? (SILVA e LEITE, 2000, p.110).

A prática do ensino de Geografia está voltada para a prática social. Busca fazer com que os alunos se situem no espaço, entendam e interajam melhor com o mundo. Nesse sentido, para Cavalcanti, (2006, p.66), “o saber do aluno é uma dimensão importante para o seu processo de conhecimento (processo de ensino – aprendizagem)”. O conhecimento que os alunos carregam e mostram em sala de aula servem de ilustração para os conteúdos explanados por parte do professor. Esse transforma essa ilustração em uma forma prática de toda a turma entender os conteúdos ensinados. A escola como um todo comporta inúmeras realidades e uma ampla diversidade de alunos. “A diversidade, em um sentido mais amplo diz respeito, [...] às diferentes esferas da vida, tratando-se, assim entre outras, da diversidade cultural” (CAVALCANTI, 2006, p.68).

Partindo dessa compreensão, ao nos reportar às atividades de estágio, entendemos que

essas práticas correspondem num primeiro momento à um impacto para os licenciandos em formação. Neste momento, sob a luz da teoria, é lhes incumbido a tarefa de conhecer na prática a realidade da sala de aula.

A escola como um todo comporta inúmeras realidades e uma ampla diversidade de alunos. “A diversidade, em um sentido mais amplo diz respeito, [...] às diferentes esferas da vida, tratando-se, assim entre outras, da diversidade cultural” (CAVALCANTI, 2006, p.68). Nessa perspectiva a valorização dos momentos de debates em sala de aula podem auxiliar o professor na execução de sua prática docente. Destacamos também, o importante papel da confiança em sala de aula, pois evidentemente, o professor só poderá associar o conteúdo as realidades dos educandos se esses o relatar durante as aulas.

A melhor maneira de inserir o ensino de Geografia está na possibilidade de analisar e determinar fatores que influenciam na construção do conhecimento dos alunos. Questões que instiguem o pensamento dos educandos sobre as práticas geográficas corriqueiras do seu dia a dia. Nesse sentido, o professor deixa de professar um conhecimento já instituído e passa a produzir um saber instituinte, ou seja, em constante construção.

Trata-se do professor aproveitar a riqueza na diversidade de símbolos, significados, valores, atitudes, sentidos, expectativas, crenças e saberes que estão presentes em determinado grupo de alunos, que vive em contexto específico, que constrói identidades em situações particulares, esforçando-se para entender como cada grupo em particular elabora essa diversidade e para promover o diálogo entre as diversas formas dessa elaboração (CAVALCANTI, 2006, p. 71).

A experiência em sala de aula é um passo crucial e indispensável para o professor, o convívio com os alunos, as formas adotadas para repassar os seus conhecimentos em sala de aula, bem como as metodologias aplicadas na escola, podem ser determinantes para a boa formação e o crescimento profissional do mesmo.

O Estágio Supervisionado é uma experiência em que o aluno mostra sua criatividade, independência e caráter. Essa etapa lhe proporciona uma oportunidade para perceber se a sua escolha profissional corresponde com sua aptidão técnica. Esta atividade é oferecida nos cursos de licenciatura a partir da segunda metade dos mesmos, quando o graduando já se encontra inserido nas discussões acadêmicas

para a formação docente e ela é apenas temporária (BERNARDY, p. 01, 2010).

É através do Estágio Supervisionado que o licenciando dá o primeiro passo para inserir-se na realidade de sua futura profissão. Essa prática possui uma importância incontestável, uma vez que possibilita ao discente, futuro docente a instrumentalização necessária para o seu processo de formação profissional. Para que o mesmo possa administrar e repensar suas práticas em sala de aula.

Nos estágios supervisionados colocamos as teorias em prática. Ao voltarmos à sala de aula, nas aulas de prática de ensino, analisamos as experiências adquiridas à luz das teorias. O que ocorre é a articulação prática <-> teoria <-> prática <-> teoria. Essa construção relacional é infinita, e quanto mais nos debruçamos sobre a teoria, mais nossa prática pode ser melhorada; quanto mais analisarmos as práticas, mais fundamentos podem identificar, e a necessidade de busca pelo conhecimento fica instalada (PASSINI et al, 2007, p.27).

Esta autora também reflete sobre a importância da prática do estágio, porém, nos alerta quanto à sua incapacidade de por si só, garantir a total formação do licenciando. Devemos entender que o Estágio Supervisionado como meio de inserção na área profissional, apesar de ser muito gratificante não é capaz de sozinho capacitar o licenciado quanto às metodologias de ensino. Isso pode ser evidenciado devido ao curto período em que ele acontece. Como bem explicita a autora anteriormente citada, “o conhecimento metodológico das ações em sala de aula será construído pela vivência em sala de aula, ao longo da carreira como professor” (PASSINI et al, 2007, p.29). Neste sentido, a busca do aperfeiçoamento das práticas docentes em sala de aula se dão por meio das pesquisas, observações e acima de tudo, na insistência na busca de inovações que venham auxiliar o trabalho docente, por arte do professor.

A teoria vista durante a licenciatura é fundamental para discutir/debater sobre a educação de forma geral. Conhecendo as dificuldades e possibilidades da tarefa de ensinar, para que assim possamos pensar maneiras de modificá-la e isso leva tempo e estudo. Destacamos também o sentido de afirmação que essas práticas garantem à carreira do

professor.

Assim numa perspectiva de ritual de passagem, esperamos que essa caminhada pelas atividades de estágio se constitua em possibilidade de reafirmação da escolha por essa profissão e de crescimento, a fim de que ao seu término, os alunos possam dizer “abram alas para a minha bandeira porque está chegando a minha hora de ser professor” (PIMENTA; LIMA, 2011, p.100).

Cabe salientar que não é apenas com a experiência do estágio que o licenciando estará pronto para trabalhar em sala de aula. A prática docente deve ser pensada durante a graduação, após ela e durante o exercício docente, sempre procurando atualizar-se para aperfeiçoar-se na busca de novas experiências.

O Estágio Supervisionado representa na contemporaneidade um momento ímpar na formação do docente de Geografia, sendo configurado enquanto preparação profissional de humanização e qualificação ao fim que se destina, possibilitando ao estagiário vivenciar, refletir acerca do ambiente escolar. Tais considerações justificam a necessidade de um estudo que aborde o estágio de modo a investigar como este vem sendo efetivado e suas implicações na formação inicial (SANTOS, 2012, p. 12).

Por meio da análise crítica da prática pedagógica através do estágio é que os licenciados podem de fato se estabelecer como construtores de uma práxis voltada e alicerçada na pesquisa como meio de aperfeiçoar sua prática. De acordo com Freire (1997, p.43), “É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”.

O estágio vem assumindo novas concepções, “como instrumento pedagógico conectivo, tem a função de interligar a teoria e a prática, se constitui como eixo de formação através da pesquisa”. (LIMA, 2012, p. 38). Pois, devemos admitir que essa concepção “na proposta de aprender a ensinar pesquisando por ocasião do estágio supervisionado, é importante que o estagiário esteja em contato com a atividade de análise sobre a vida e o trabalho do professor, como fenômeno datado e endereçado na sociedade atual e de situações que levem ao conhecimento pedagógico, à reflexão e a socialização das mesmas” (ibidem, 2012, p. 42).

Acrescentamos a essas proposições a necessidade de que seja adicionada a dimensão do conhecimento como fator primordial à formação docente, fundamentada nas ideias defendidas por Pimenta (1994, p. 121), ao conceber o estágio como atividade teórica instrumentalizadora da práxis, vendo o professor como sujeito do conhecimento e agente de transformação na escola e na sociedade (LIMA, 2001, p.14), e por isso mesmo, necessitando refletir sobre o seu trabalho e seu cotidiano na sala de aula.

Para o pedagogo Zabalza (2014), o estágio vai além de enviar os alunos para a escola campo para que passem ali um tempo e façam o que puderem ou o que lhes permitam fazer. "Vão ao estágio para continuar com sua formação". (ZABALZA, 2014, p. 153). O referido autor nos faz compreender que o estágio deve partir de um projeto planejado, com proposta de ação que se tenha obrigação de pensar todo o processo tornando-o público, assumindo compromisso que permita a avaliação do mesmo e introduza ajustes e melhorias necessárias.

Ademais, aponta a falta de formalização do estágio como um mal enraizado que deriva muitos problemas para seu êxito. Entre eles a ausência de clareza no seu sentido formativo, a insuficiência da formalidade, que segundo o autor ninguém se torna responsável por seus ajustes e soluções, e com isso a falta de compromisso de cada um de seus agentes no desenvolvimento desse processo.

Com isso, percebemos a necessidade do estágio ser formalizado deste o currículo do curso de Geografia, a planos de classe, a projetos formativos da instituição, aos planejamentos das equipes de profissionais, assim sendo trará importantes contribuições para a formação do licenciando e para as instituições envolvidas.

Conforme, Aroeira (2014 apud Pimenta e Lima 2014, p. 119), "o estágio não pode sozinho ser responsável por realizar todas as articulações e interlocuções de um curso de formação de professores; pode contribuir nesse processo". Desse modo, não há dúvidas de que esse pensamento deve estar em cada disciplina tendo em vista a escola como referência para a formação, assim resgatando-o como campo de atuação em todas as disciplinas do

curso. Mediante tal colocação, precisa ser superado o desafio do distanciamento da reflexão em relação às experiências situadas no processo de estágio supervisionado através dos desafios vividos na escola.

Nesse sentido, percebemos que o estágio pode ser um grande articulador na fomentação de parcerias entre a escola e a universidade no processo de formação docente, entre os formadores da instituição superior e os professores da escola campo que recebem os estagiários. Porém, admitimos que tal parceria ainda é muito tímida nessas instituições devido a falta de interesse, diálogo e de um planejamento/replanejamento que se refaça a cada reflexão.

Ainda na concepção de Aroeira (2014, p. 129), “pressupor a reflexão como algo implícito à docência significa reconhecê-la submetida a uma constante análise e a um contínuo processo de redimensionamento, do qual o educador é agente fundamental”. Embora, para alguns professores o exercício da reflexão não seja algo interessante para a melhoria de sua atuação como profissional da educação. No entanto, timidamente já vem surgindo professores de estágio no curso de Geografia em pleno exercício dessa concepção, porém ainda são poucos os que assumem a autoanálise sobre suas próprias ações.

De acordo com Zabala (1998, p. 113) apud Pimenta e Lima, o “estágio traduz as características do projeto político-pedagógico do curso, de seus objetivos, interesses e preocupações formativas, e traz a marca do tempo histórico e das tendências pedagógicas adotadas pelo grupo de docentes formadores e das relações organizacionais do espaço acadêmico a que está vinculado”. A ideia entendida como estágio, aparece sempre em uma dimensão maior do que a limitação entre a sala de aula, disciplina, estagiário, escola e a própria universidade. Percebemos que tem surgido nos últimos tempos professores de estágio no curso de Pedagogia com esse entendimento de pensar o estágio no viés de aprofundamento em muitos sentidos, de concepções, saberes, laços coletivos, valores, contradições, lutas, sentimentos e nas mudanças que ocorrem nesse processo formativo.

Para selar essa discussão sobre estágio nesse curso trazemos novamente Lima (2012), que aponta o estágio como espaço e processo aberto de contextualização, dessa maneira permite elaborar uma nova cultura emergente na ação do professor, assim sendo, carregam algumas marcas da organização e da profissão entre contradição de continuidade e descontinuidade de novas coisas que surgem e dão novas identificações.

Ao falarmos de estágio é interessante destacarmos a categoria avaliação que ganhou um espaço tão amplo nos processos de ensino, conforme aborda Luckesi (1995, p. 65) ao supor “a avaliação como mecanismo propiciador da melhoria contínua do ensino, cumprindo a sua função de diagnosticar, reforçar e permitir crescer, o processo pedagógico”. Desse modo, o estágio deve ser defendido num contexto de avaliação contínua, na perspectiva de funcionar como instrumento que favoreça o professor uma criticidade de sua prática e ao aluno, o saber de seus avanços, possibilidades e dificuldades. Diante de tais colocações é impossível não pensarmos o estágio no curso de Pedagogia sob um novo olhar para o processo formativo pautado no exercício da ação didática através de planejamento, metodologias e de uma avaliação formativa de maior consistência.

Corroboramos com os estudos de Firme (1994), ao discutir que o momento é mais para inovar em avaliação do que reproduzir tradicionais modelos que embora valiosos em sua época, hoje perderam sua relevância por não responderem mais a proliferação de questões complexas que a sociedade atual e particularmente a educação vem levantando desafiadoramente.

Assim, o professor de estágio no curso de Pedagogia necessita do contato com as teorias, do convívio com os colegas de profissão, de mediações dos professores que ministram as disciplinas de estágio para ampliarem seus saberes docentes. Desta feita, o profissional do magistério nunca estará pronto, sempre necessitará fundamentar a sua práxis docente através de uma cultura avaliativa.

Na perspectiva da práxis, a categoria formação docente na visão de Cavalcante (2014)

traz em pauta a pedagogia universitária como um campo de conhecimento ainda em construção, porém necessário para a compreensão de formação para o exercício docente na dimensão da reflexão pedagógico-didática, tendo como intuito o entendimento e sentido de seu papel no processo formativo. Dessa maneira, aponta o ensino universitário atual como merecedor de posicionamento autoreflexivo da formação que oferece, necessitando desse exercício de forma contínua. E aqui trazemos o estágio como campo que necessidade de uma aproximação com esse exercício de autoreflexão contínua no contexto da ação didática, do planejamento, da metodologia e da avaliação, e com isso delinear uma nova formação que responda aos desafios do ensinar e do aprender.

Seguindo a concepção de Veiga (2009) compreendemos que a formação docente deve transcender o sentido puramente técnico e visar competências profissionais complexas como a habilidade investigativa sobre a (e na) prática. Nesta perspectiva a prática deve ser considerada como um ponto de partida e de chegada do processo de formação. Mediante tal pensamento, o estágio precisa assumir essa ação de forma contínua e progressiva, para que assim possa atribuir significado para a prática como componente formador.

Com Tardif (2002), entendemos a formação docente tecida na articulação equilibrada entre os conhecimentos (ensino) produzidos pela universidade e os saberes desenvolvidos pelos professores em suas práticas cotidianas. No entanto, para Guimarães (2004, p. 56) ao refletimos a formação docente:

as práticas formativas que se destacam na opinião dos alunos, como importantes para a sua formação e que possibilitam, assim, a melhor compreensão do projeto de formação desenvolvido. Referem-se tanto a maneiras específicas de como os professores formadores atuam ou a ações promovidas pela instituição formadora.

Nesse sentido trazemos Franco (2010) que aponta o papel da Didática na formação de professores como um instrumento propiciador de análise crítica da realidade do ensino por parte dos professores em formação, buscando entender e mudar essa realidade, de forma

articulada a um projeto político de educação transformador. Pois, essa direção do papel da Didática no processo de ensino vem de encontro com a necessidade de mudanças no estágio. Desse modo, exercer uma análise crítica que ocasione significações efetivas na confluência com o campo pedagógico.

Na concepção de Nóvoa (1995), a formação de professores ocupa um lugar central na educação, e deve ser concebida como um componente de mudanças, a qual se faz no contexto de formação produzindo um esforço de inovação e de procura dos melhores percursos em conexão estreita com outros setores e áreas de intervenção capazes de proporcionar transformações.

METODOLOGIA

Este estudo se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, pois conforme Minayo (2001, p.21-22), “a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes (...)”. Nesse sentido para a construção do artigo pesquisa fez-se necessário realizar uma revisão bibliográfica sobre Estágio supervisionado e Formação Docente em Geografia e Pedagogia. Essa revisão facilitou a compreensão da dinâmica do processo formativo de professores. Nesse sentido foi necessário o apoio teórico em autores tais como: Bernardy(2015); Brasil (1996; 2006); Cavalcanti (2006); Freire (1997); Passini (2007); Pimenta (2011); Santos (2012); Silva (2000), Hoffmann (2007), Lima (2012), Pimenta (2012) entre outros.

Para a empiria desse trabalho utilizamos a percepção de professoras de Estágio a partir da dinâmica das aulas e interação com os licenciandos em formação. Desse modo, a partir da observação e discussão sobre a prática do Estágio em sala de aula do 5º Semestre do Curso de Licenciatura em Geografia e de Pedagogia também, assim lançamos nossas interpretações

sobre como o Estágio Supervisionado influencia na formação desses licenciandos futuros professores da Educação Básica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A prática do Estágio Supervisionado tanto em Geografia como na Pedagogia está para além da prática em si. Busca familiarizar o licenciando com seu futuro ambiente de trabalho que é a escola, bem como observar e sentir a dinâmica dos alunos na sala de aula, seja no Ensino Infantil ou em qualquer outro nível de Ensino. Nesse aspecto ao refletirmos sobre a prática do Estágio I no Curso de Geografia da Universidade Regional do Cariri - URCA (Figura 1) é perceptível que o primeiro contato com a sala de aula, para alguns é algo que choca. Nesse sentido as discussões na disciplina de estágio foram travadas com o objetivo de demonstrar o sentido da palavra “processo” na ação de formar-se/descobrir-se professor.

Figura 1: Localização da Universidade Regional do Cariri - URCA (Campus Pimenta) em Crato, CEARÁ.



Fonte: IBGE 2010. MMA, 2007. Elaboração: Oliveira, 2018.

Soma-se a isso a prática de algumas atividades relevantes com a utilização de textos que subsidiaram ricas reflexões e discussões, tanto sobre a teoria como a respeito da prática de estágio. Exemplo disso foi o trabalho com a fábula “Os cegos e o elefante do rei” (ELIAS, 1998).

Há muitas centenas de anos, um rei e seu exército viajaram pelas altas montanhas da Índia para mostrar à gente simples sua riqueza e onipotência. De tudo, o mais impressionante era o pujante elefante do rei, cujo tamanho e força atemorizaram a ralé. Um dia o séqüito do rei montou acampamento nos arredores de uma pequena aldeia onde todos os habitantes eram cegos. À noite vários homens cegos penetraram às escondidas no acampamento, esperando descobrir a verdade sobre aquela extraordinária criatura, de maneira que pudessem partilhar a descoberta com os vizinhos cegos. Quando voltaram para a aldeia, relataram com grande entusiasmo os fatos que haviam reunido.

__É grande e áspero – disse o cego que havia tocado na orelha do elefante -, se move na brisa como uma pesada tela de tapeçaria.

__Não, não, realmente não é nada disso – interrompeu o cego que havia passado as mãos na tromba do elefante. Na verdade é como uma poderosíssima cobra de pele áspera que se enrosca e se desenrosca, mas não dá o bote.

__Permita-me discordar – disse o homem que havia tocado nas pernas do animal -, pois é sólido e firme como uma árvore com um tronco áspero e enrugado.

Cada um dos cegos havia tocado apenas uma parte do animal, mas cada um deles acreditava que compreendia o todo. Porque tinha moldado a realidade de acordo com suas percepções limitadas, a verdade permaneceu desconhecida.

A partir da fábula foi indagado sobre sua relação com a prática do Estágio. A priori, ficou nítido a necessidade de intervenção do professor por meio da leitura cuidadosa e pausada da fábula. Posteriormente as colocações dos alunos foram sendo feitas, dando suporte a uma discussão que se remetia a prática dos mesmos nas escolas em que estavam estagiando, para por fim chegarmos a conclusão de que os estágios ao longo do Curso de Geografia, integram um todo formativo e que a formação docente é de fato um processo que requer a soma de todas as partes. Na lógica do Estágio na Licenciatura em Geografia da URCA, que correspondem a quatro práticas, temos: No 5º Semestre o Estágio Supervisionado I (Observação no Ensino Fundamental II); no 6º Semestre o Estágio Supervisionado II (Regência no Ensino Fundamental II); no 7º Semestre o Estágio Supervisionado III (Observação no Ensino Médio) e no 8º Semestre o Estágio Supervisionado IV (Regência no Ensino Médio).

As discussões em sala, somadas à prática dos alunos no Estágio aliam-se na perspectiva de mostrar o objetivo do estágio no sentido de sensibilizar à reflexão sobre o ato de ser professor. Nesse sentido Lima (2001, p. 07) nos informa que “o estágio não é a hora da prática! É a hora de começar a pensar na condição de professor na perspectiva de eterno aprendiz. É a hora de começar a vislumbrar a formação contínua, como elemento de realimentação dessa reflexão.

Destaca-se que nessa perspectiva processual o curso de Pedagogia tem passado por algumas reformulações curriculares. A primeira ocorreu em 1990, seguindo das realizadas nos anos de 1991 e 1994. Em 2001, a reformulação curricular foi realizada à luz da Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB de 1996 e da proposta das Diretrizes Curriculares para o curso de Pedagogia, elaborada em 1999 pela comissão de especialistas instituída pelo Ministério da Educação – (MEC). Nesse contexto, é importante ressaltar que até este

momento o curso de Pedagogia era o único que não dispunha de diretrizes curriculares aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação – CNE.

A discussão ocorrida no processo de reformulação curricular foi retomada mediante o debate nacional acerca da formação do pedagogo, culminando na aprovação da Resolução CNE/CP 01/2006 que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Pedagogia. Em 2006, a reformulação teve como princípio a flexibilidade curricular sob um olhar nos conteúdos, atrelados a diversidade da realidade institucional. No ano de 2010, buscou-se construir permanentemente uma estrutura curricular que permitisse incorporar outras formas de aprendizagem e formação presentes na realidade social, com isso o curso se concretiza em núcleos (Educação Infantil, Séries Iniciais, Movimentos Sociais e Educação Popular) e nas decisões colegiadas nos encontros ocorridos semanalmente.

Assim, esse curso vem sendo construído e reconstruído a partir de uma gestão orgânica e participativa que passa pela docência e pela capacidade de produzir e gestar conhecimentos sobre os processos educativos. A prática pedagógica é um exercício permanente ao longo do curso, sendo o Estágio Curricular Supervisionado um dos vários e diferentes momentos em que essa prática é promovida. Ela implica na inserção efetiva do aluno em atividades de docência e de gestão em ambientes escolares e não escolares.

Inúmeras leituras, debates, pesquisas científicas, dentre outras ações, têm sido voltadas para o Estágio Curricular Supervisionado, em decorrência de uma série de fatores, tais como a necessidade de melhorar a qualidade da educação, devido às exigências no próprio processo de formação. Destaca-se, nesse contexto, a Lei anteriormente citada e a Resolução nº2 do Conselho Nacional de Educação – CNE de 2002, que regulamenta o Estágio, com 400 horas. Tais referências tornam mais evidentes os limites e as possibilidades da aplicabilidade da legislação, de forma a defender a consistência teórica, a produção do conhecimento, a relação teoria e prática, a docência, a pesquisa e a práxis.

As reformas educacionais ocorridas a partir de 1990 têm afetado diferentes setores da sociedade. No campo da educação, a formação de professores tem sido motivo de debates e tomadas de decisões e a prática da avaliação no Estágio passou a ser vista como requisito importante para a relação teoria e prática, no âmbito dos estudos superiores. Neste sentido, o desafio foi o de ressignificar este componente curricular, no contexto dos cursos de licenciaturas, envolvendo os três momentos da ação didática: planejamento, metodologia e avaliação.

Em sintonia com Pimenta e Lima (2012), vimos que após as determinações de tal Lei, fica a cargo do Conselho Nacional de Educação CNE/CP nº 1/2006, deliberar sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para todos os cursos de graduação do país. Dadas as Diretrizes Curriculares Nacionais (BRASIL, 2006) para o curso de Pedagogia, o projeto político pedagógico das instituições deve garantir a duração e carga horária dos cursos de formação de professores no âmbito da Educação em nível superior, bem como reforçar a prática avaliativa no Estágio.

Art. 7º - O curso de Licenciatura em Pedagogia terá a carga horária mínima de 3.200 horas efetivas de trabalho acadêmicas, assim distribuídas:

I – 2.800 horas dedicadas às atividades formativas como assistência a aulas, realização de seminários, participação na realização de pesquisas, consultas a biblioteca e centro de documentação, visitas a instituições educacionais e culturais, atividades práticas de diferentes naturezas, participação em grupos cooperativos de estudos;

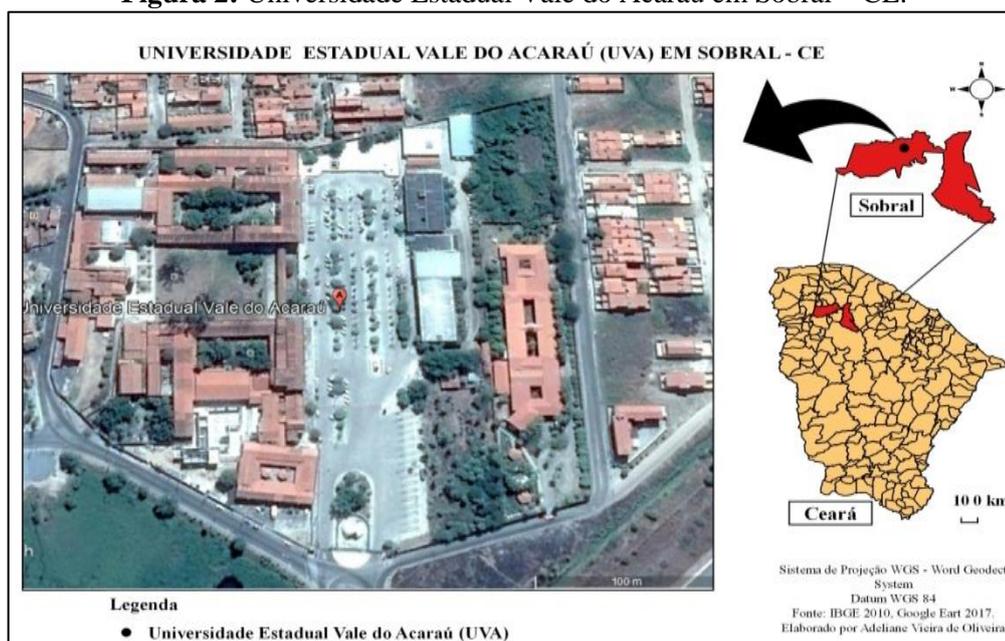
II – 300 horas dedicadas ao Estágio Supervisionado prioritariamente em Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, contemplando também outras áreas específicas, se for o caso, conforme o projeto pedagógico da instituição. (Grifo nosso)

III– 100 horas de atividades teórico-práticas de aprofundamento em áreas específicas, de interesse dos alunos, por meio da iniciação científica, da extensão e da memória.

Dessa maneira, o curso de Pedagogia da UVA segue com as seguintes modalidades de Estágio: Estágio em Gestão Educacional; em Ação Docente na Educação Infantil; em Ação

Docente nas Séries Iniciais e por último em Movimentos Sociais e Educação Popular. É relevante ressaltar que diante das reformas na educação brasileira, os cursos de formação de professores ganharam mais um desafio: o de construir os saberes docentes a partir da avaliação na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado nas licenciaturas. Na Figura 2, ilustra a localização onde acontecem as aulas de estágio em um dos campi da UVA.

Figura 2: Universidade Estadual Vale do Acaraú em Sobral – CE.



Fonte: IBGE, 2010. Elaboração: OLIVEIRA, 2017.

A esse respeito convém citar Carneiro (2010, p. 339), ao relatar a importância da avaliação na relação com as disciplinas do ensino superior, em especial o Estágio. Conforme a visão desse autor essa se apresenta, como:

[...] atividade processual, encorpando o repositório de saberes e de resultados de pesquisa através de mecanismos de sistematização de um lado e, de outro, de mecanismos de transmissão e socialização. Assim, as estruturas intelectuais institucionalizadas desta educação recriam caminhos e rotas para a apropriação destes saberes, ao tempo em que se renovam pelo influxo de informações recebidas dos alunos e dos ex-alunos, agora, profissionais. Esta

missão e responsabilidade exigem professores da educação superior cada vez mais bem preparados em suas áreas de atuação e qualificados para a docência.

Concordamos com Carneiro (2010) e reconhecemos que a avaliação como prática social, humana, política e técnica deve ser incorporada na proposta pedagógica do estágio com a finalidade de refletir cada vez mais na práxis do aluno sujeito principal desse processo.

E se tratando do curso de Pedagogia, a experiência de formação dos licenciandos no contexto do estágio se pauta a partir do entendimento que este componente curricular deve ser compreendido sob a teoria e prática como elementos indissociáveis para a entrada do estagiário no espaço da escola e para além dela. Logo, essa experiência passa a ser um exercício de reflexão para a construção do ser professor, assim o licenciando passa a se identificar ou não com a sua futura profissão.

Para tanto, os licenciandos geralmente relatam dados pertinentes de uma escola atual com várias demandas, essas às vezes jamais imagináveis pelos profissionais da educação, entretanto elas servem de base norteadora para mudanças importantes em benefício da qualidade do processo ensino-aprendizagem. Entende-se que o convívio dos licenciandos com a realidade no contexto do estágio envolvendo a escola ou espaços não formais reforça vivências pedagógicas na interligação da teoria e da prática em um movimento de auto-reflexão e desdobramentos, como: saberes, autonomia, etc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Estágio Supervisionado no contexto dos cursos de Geografia e Pedagogia, aponta para concepções que ao longo do tempo foram se modificando através do surgimento de leis e inquietações para o entendimento deste componente curricular como disciplina necessária para a formação inicial dos licenciandos, considerando teoria e prática como elementos

condutores deste processo.

Conseqüentemente é no estágio que o licenciando se mune de fundamentação teórica e com isso vai a campo em busca da empiria na articulação da teoria e da prática, porque ele passa a perceber que neste processo formativo ele se instrumentaliza de forma necessária para o seu processo de formação profissional. Sobretudo ele passa a repensar sua formação e futura profissão.

Em suma, é na dinâmica do processo de estágio que surge o significado de reconhecê-lo sob uma constante análise e a um contínuo processo de redimensionamento, do qual o licenciando é agente fundamental de percepções e reflexões na ação de formar-se/descobrir-se professor.

REFERÊNCIAS

BERNARDY, Katieli; PAZ, Dirce Maria Teixeira. **Importância do estágio supervisionado para a formação de professores.** Unicruz. 2012. Disponível em: <http://www.unicruz.edu.br/seminario/downloads/anais.pdf>. Acesso em: 24 de janeiro de 2015, as 16h02min.

BRASIL, Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional:** nº 9394/96. Brasília: 1996.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Ciências humanas e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação, secretaria de educação básica, 2006.

_____. MEC. CNE/CP. **Resolução N° 2,** de 19 de fevereiro de 2002.

_____. Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº. 1/2006.** Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de Pedagogia. Brasília, 2006.

CARNEIRO, Moaci Alves. **LDB Fácil:** leitura crítico-compreensiva, artigo a artigo. 17. ed. Atualizada e ampliada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **O currículo nos limiares do contemporâneo.** 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Ensino de Geografia diversidade: construção... In:

- CASTELAR, Sonia (org.). **Educação Geográfica: teorias e práticas.** – 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- ELIAS, Jansen; Ketcham. **Na casa da lua resgatando o espírito feminino da cura.** Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- FIRME, Penna. T. **Avaliação: tendências e tendenciosidades.** Ensaio vol. I, nº 2, 1994.
- DEPRESBITERIS, Lea (Org.). **Diversificar é preciso...instrumentos e técnicas de avaliação de aprendizagem.** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009.
- HOFFMANN, Jussara. **O jogo do contrário em avaliação.** 3. ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2007.
- LIMA, Maria Socorro Lucena. **A hora da prática: reflexões sobre o estágio Supervisionado e a ação docente.** 2. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.
- _____. **Estágio e Aprendizagem da Profissão Docente.** Brasília: Liber Livro, 2012.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem Escolar.** 12. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social – Teoria, método e criatividade.** 22 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- PASSINI, Elza Yasukoet al (org.). **Prática de Ensino de Geografia e Estágio Supervisionado.** – São Paulo: Contexto, 2007.
- PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência.** 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- SANTOS, Maria Francineila Pinheiro dos. **O estágio enquanto espaço de pesquisa: caminhos a percorrer na formação docente em Geografia.** 2012. 148 f. Tese (Doutorado em Geografia). Instituto de Geociências. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.
- SILVA, Jorge Barcelos da; LEITE, Nelson Moreira. **Geografia identidade da disciplina. O Ensino de 1ª a 4ª Séries: as disciplinas, as habilidades.** Secretaria de Educação do Amapá: Amapá IEF/SEED, 2000.
- SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que avaliar? Como avaliar? Critérios e instrumentos.** 2. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico.** 23. ed. São Paulo:

Cortez, 2007.